

Hermenegildo José Bastos. *Literatura e colonialismo – rotas da navegação e comércio no fantástico de Murilo Rubião*,– Brasília, Editora da UNB, 2001.

Por Tânia Pellegrini

O livro de Hermenegildo José Bastos tenta redimensionar a leitura da obra de Murilo Rubião, colocando-a efetivamente numa *dimensão* diversa da que tem norteado a fortuna crítica dedicada ao ficcionista mineiro. Murilo Rubião tem sido estudado como um dos poucos representantes do *realismo fantástico*, a técnica narrativa que, colocando o leitor no limiar entre o real e o insólito, pode revelar os mecanismos de constituição daquilo que se toma por realidade e, assim, os processos por meio dos quais a ilusão se faz realidade ficcional.

Ou seja, o realismo fantástico trabalha com um tipo especial de verossimilhança, mergulhando o leitor numa dúvida epistemológica: real ou irreal, possível ou impossível? Assim, instaura uma ambigüidade, que passa a ser um terceiro elemento e cujo sentido é ela mesma, a própria ambigüidade. Nessa linha, a interpretação mais comum dessa ambigüidade se dá pelo seu entendimento como alegoria e, nesse sentido, o deciframento desta, no caso muriliano, revelaria, por trás da “realidade” ficcionalmente construída, a realidade brasileira.

Sem discordar disso, todavia, Bastos procura ir mais longe. Baseando-se numa bibliografia teórica consistente e recorrendo a exemplos concretos extraídos de muitos contos do autor estudado, ele afirma que “o texto fantástico é político, não tanto porque se refira a alguma coisa política extraliterária, mas sobretudo porque se refere à determinada literatura e se debate com a condição de arte enquanto mercadoria” (p.27). Desse modo, ele busca ampliar o alcance da leitura alegórica da obra muriliana, na medida em que reconhece nela um caráter auto-reflexivo, pois o que se narra é, de fato, para ele, “a

produção literária contemporânea da forma-mercadoria”. Isso porque o distanciamento do modelo realista *tout court*, que se efetiva em fins dos anos 40, com um certo esgotamento dos temas e soluções propostos pela “geração de 30”, não é um fenômeno *apenas de estilo*, pois corresponde a um momento da história brasileira, da crise do estado nacional-popular. O fantástico muriliano aí entraria em cena, para expressar o questionamento da própria escrita e do próprio estilo como capazes de enformar esse momento de crise, em que “o antigo e o moderno coexistem como instâncias de um contratempo por onde transitam fantasmas” (p.70). Em Murilo Rubião, pois, “trata-se de descrever e entender essa disparidade: por meio da estética fantástica, renovadora, cosmopolita, de vanguarda, evoca-se o mundo envelhecido e atrasado das pequenas cidades do interior do país periférico e atrasado, com habitantes rústicos, brutos ou apenas incivilizados” (Idem). O que se tem é um “espectro da modernidade”, pois a recorrência ao insólito agora é, na verdade, citação de uma estética passada, surgida no século XIX, que assim volta como mercadoria.

A despeito da inegável originalidade da abordagem de Bastos, parece contraditória e causa um certo desconforto a qualificação da estética muriliana como “mercadoria”, nesse momento específico do desenvolvimento da série literária brasileira, que se caracteriza por um amadurecimento capaz de abarcar as múltiplas tendências surgidas do terreno fértil adubado pelas conquistas do primeiro e do segundo Modernismos, momentos expressivos na tentativa de ruptura com as chamadas “metanarrativas do colonialismo” (p.109), justamente por reivindicarem sua pertença a um “projeto nacional” que, salvo engano, via-se como “antropofágico” e liberador. Os abalos sofridos pela vida brasileira em torno da década de 30 mostraram os limites de uma concepção mimética da literatura enquanto norma de criação, apontando para outras possibilidades de realismo, em diálogo com a psicanálise, a filosofia, a sociologia, a religião e a própria literatura. É o momento de Lúcio

Cardoso, de José Geraldo Vieira, de Dionélio Machado, de Lygia Fagundes Telles, de Otto Lara Resende e do próprio Murilo Rubião, cada um deles, ao seu modo, trazendo à tona “um repertório de exemplos de infortúnios e fracassos, aspirações destruídas, esperanças arruinadas, testemunhando a negatividade dos esforços da humanidade e a deformação desta última” (p.113).

Nesse sentido, para dirimir a aparente contradição, talvez o emprego mais problematizado do termo “contemporâneo” permitisse ao autor colocar a obra de Murilo Rubião num outro período do desenvolvimento da ficção brasileira (o termo, hoje, aplica-se à literatura produzida a partir da década de 60), em que efetivamente criaram-se condições sócio-históricas concretas para que ela pudesse ser produzida, veiculada e consumida realmente como mercadoria.